

JOÃO ANTÔNIO: ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO.**Neíze Ribeiro da SILVA.**

Esta pesquisa¹ teve como fonte as publicações que o autor João Antônio realizou no jornal *Pasquim* e objetivou aprofundar o estudo sobre esses textos, a fim de tornar disponível, a pesquisadores que se interessem pelo tema, material já sistematizado, que certamente facilitará o acesso à obra desse autor. Além disso, foi realizado um trabalho de reflexão sobre os aspectos literários presentes nesses textos joão-antonianos, enquanto representantes de uma literatura autenticamente brasileira.

O debate sobre o tema jornalismo e literatura já foi motivo de vários trabalhos acadêmicos. Autores diversos já construíram reflexões a respeito da controversa relação entre esses dois gêneros da escrita. Diversos textos já foram esquadrihados por teóricos numa tentativa de estabelecer uma categorização que atenda às suas características de obras literárias. Entretanto, a questão permanece em aberto, pois é um atributo da obra artística não ser passível de categorizações estanques, não permitindo, portanto, a sua redução a definições que, por serem na maioria das vezes unívocas, deixam de apreender todas as possibilidades que a obra de arte – no caso, o texto literário – possui.

Tanto há diálogos a serem promovidos como instabilidades e irregularidades a serem reconhecidas. [...] enquanto o jornalismo pretende oferecer uma visão objetiva, fiel ao mundo dos fatos, a literatura procura apresentar apenas um recorte verossímil [...] seria necessário fazer intercomunicar ambos os saberes para aprender o que cada um pode ensinar em sua particularidade [...] para uma sensibilidade cultivada, o sentido que um acontecimento toma não distingue um saber do outro, ambos convergem, dialogam, subsidiam-se, complementam-se ... escritores e jornalistas participam assim do mesmo universo: o da narração...²

Isso não significa, porém que não haja pontos específicos a cada gênero textual, mas antes, que há territórios de intersecção, territórios em que o trabalho artístico atua como um transpositor de fronteiras, permitindo que cada espectador possa lançar-lhe olhares múltiplos. É nessa multiplicidade de olhares que reside a possibilidade de atualização da obra artística. Resguardado o fato de que cada trabalho artístico exige do seu leitor um mínimo que seja de conhecimento do campo de inserção dessa obra, é nessa descoberta de pluralidade, por parte do fruidor da obra, que os sentidos de um quadro, de um texto, de uma escultura, ou de qualquer outro suporte artístico, se tornam ainda mais pertinentes e amplificados.

[...] A forma torna-se esteticamente mais válida na medida em que pode ser vista e compreendida segundo múltiplas perspectivas, manifestando riquezas de aspectos e ressonâncias, sem jamais deixar de ser ela própria [...] neste sentido, portanto, uma obra de arte, forma acabada e *fechada* em sua perfeição de organismo perfeitamente calibrado, é também *aberta*, isto é passível de mil interpretações diferentes, sem que isto redunde em alteração de sua irreproduzível singularidade...³

No que se refere especificamente à literatura, essa imbricação de características é um fator ainda maior de enriquecimento, pois à medida que nos permitimos enxergar um texto como impossível de categorização, ampliamos nossa capacidade de atentar para as inúmeras possibilidades de sentidos ali presentes, evitando assim o erro de um olhar redutor, que pode vir a ocultar, ou até mesmo ignorar, significações importantíssimas desse texto.

A possibilidade dessa redução de sentidos do texto pode ser ainda mais presente quando lidamos com textos inseridos em momentos históricos específicos, como é o caso da literatura que contempla os momentos de conturbação política. Por conturbação política entendemos aqui os períodos de ditadura política que envolveu grande parte (senão todo) continente sul-americano, durante várias décadas e, particular e recentemente, o Brasil entre as décadas de 1960 e 1980.

Vista como uma literatura panfletária, essa produção algumas vezes é estudada apenas sob a ótica ideológica, como se o seu universo precisasse ficar restrito à estrutura domínio/submissão que normalmente pauta as relações humanas durante esses períodos. Entretanto, há de se considerar que a literatura, mesmo nos seus momentos mais descritivos (ou realistas como querem alguns críticos), trabalha com significações humanas, sejam elas de resistência, sobrevivência, heroísmo ou temor. Independente do tempo em que produz o seu texto, o escritor busca sempre abordar e refletir sobre o que de mais essencial caracteriza o ser humano, esteja esse ser vinculado ou não a um momento histórico específico.

A literatura publicada em tempos de resistência é, portanto, tão significativa como obra literária quanto os textos produzidos em 'tempos de paz', se é que podemos identificar um 'tempo de paz' na história da humanidade, uma vez que é característico do ser humano estar sempre em conflito.

É abundante a literatura que versa sobre esse momento da ditadura brasileira. São textos documentais, que vão desde relatos pessoais sobre violações de direitos humanos e denúncias de prática de tortura, até exposição de fatos que construíram e mantiveram no poder uma estrutura política repressora e desumanizadora. Essa literatura é importante porque nos ajuda a refletir sobre os acontecidos naquele momento, numa tentativa de melhor entender e poder assim evitar a sua repetição. Além disso, essa literatura, assim como todas as outras produzidas em condições idênticas, trabalha como um sentimento caríssimo ao homem: a

necessidade de viver em liberdade, de ser autor e ator do seu próprio destino, sem tutela de qualquer instância.

No Brasil a instalação de ditaduras militares parece ter sido algo bastante recorrente durante o século XX. Entre as décadas de 30 e 80 tivemos dois períodos ditatoriais, sendo o mais longo e mais recente aquele compreendido entre a década de 1960 e meados da década de 1980. É desse período que nos fala Elio Gaspari, apontando que:

... existiu uma identidade, uma relação e um conflito entre o regime instalado em 1964 e a manifestação mais crua da essência repressiva que o Estado assumiu na sua obsessão desmobilizadora da sociedade: a tortura. Durante os 21 anos de duração de ciclo militar, sucederam-se períodos de maior ou menor racionalidade no trato das questões políticas. Foram duas décadas de avanços e recuos, ou como se dizia na época, “aberturas” e “endurecimentos” [...] por meio das suspensões das garantias constitucionais o Executivo valeu-se da prerrogativa de cassar mandatos eletivos, suspender os direitos políticos de cidadãos e anular o direito à estabilidade dos funcionários públicos civis e militares [...] nos primeiros nove meses do regime morreram treze pessoas [...] o medo entrara na transação política...⁴.

Escrita jornalística– o escritor e seu tempo.

O jornal representa um meio que o homem criou para se manter em contato com os diversos fatos ocorridos na sociedade em que está inserido. Entretanto, o relato desses fatos exige uma linguagem específica que atenda a aspectos como concisão, objetividade, relevância dos fatos, e sobretudo que atenda às possibilidades de tempo de que o homem moderno dispõe. Daí a preocupação do jornalista em fazer seu texto de forma breve e clara, com o máximo de teor informativo, e principalmente focalizando acontecimentos que interessem ao seu público leitor.

Historicamente, o jornal traz em seu bojo um aspecto de escrita ideologicamente dirigida. No caso específico do Brasil, esse aspecto é ainda mais pertinente, conforme estudos que apontam que o início da imprensa brasileira deu-se por iniciativa principalmente dos poderes oficiais⁵. Isto quer dizer que, desde a captação até a divulgação da notícia, o fato passa por uma série de olhares que lhe formatarão o sentido final.

[...] todos os meios, os de massa e a imprensa, trabalham com a informação, no aspecto de notícia, mas operam de maneira diferente. A informação instantânea, fornecida pelos meios de massa, deve ser completada pela informação calcada na análise,

mais lenta mas presumivelmente mais profunda. De qualquer maneira, todos esses meios, na sociedade capitalista, comercializam essa mercadoria especial que é a informação. São meios que vendem informação: quem controla a informação controla o poder.⁶

Esse fato determina que o texto jornalístico reflita não só as necessidades do seu tempo, mas que reflita também, direta ou indiretamente, as idiossincrasias daqueles que transmitem essa notícia. Porém, faz-se necessário que essa “presença ideológica” seja expressa da forma mais subliminar possível, de modo que a redação final do texto tenha um aspecto de neutralidade e objetividade. É essa necessidade de lidar sempre com a última notícia, de reportar sempre o fato mais atual, e principalmente de realizar esse trabalho com o mínimo possível de marcas de subjetivação, que faz o texto jornalístico se distanciar enormemente do dito texto literário.

Entretanto, as mudanças ocorridas na sociedade exigiram que o discurso jornalístico, para sua própria sobrevivência, repensasse sua linguagem, não apenas no que diz respeito aos textos publicados naqueles espaços destinados aos suplementos literários, mas também nos textos ou artigos em que o factual precisa estar presente.

É por essa necessidade de sobrevivência que o jornal parte então para o uso de novas técnicas, não só na parte estrutural, mas também na forma discursiva como abordava os fatos que noticiava. O novo posicionamento que então o jornalismo assumia ensejou o aparecimento de um novo tipo de escrita: o *New journalism*.

Calcado em experiências realizadas principalmente nos Estados Unidos, tendo Truman Capote, Norman Mailer, Tom Wolf e outros por representantes, o *New Journalism* foi representado no Brasil principalmente pelos trabalhos da revista *Realidade*. Esse novo modo de “fazer jornal” caracterizava-se principalmente pelo trabalho prévio do jornalista na captação da notícia. O jornalista, agora com o título de repórter, não apenas recolhia a notícia como um fato pontual e sistematicamente temporal, mas também convivía com sua notícia *in loco*, vivenciava o clima dos personagens envolvidos nessa reportagem – enfim, ele participava do fato como ator, não mais como simples transmissor. A partir desse momento estava aberto um novo campo de exploração dos fatos e inaugurava-se também um novo conceito de jornalismo, que permitia ao repórter trabalhar os fatos sem o laconismo imposto pela estrutura do texto convencional.

Em termos de inovação, o jornal *Pasquim* é citado por alguns estudiosos como um jornal emblemático. Esse jornal porém terá um capítulo à parte nesse trabalho. Assim, continuamos nossa reflexão a respeito do *new journalism* e das mudanças que essa técnica trouxe para o jornalismo em geral.

O texto construído pela técnica do novo jornalismo tinha, portanto, uma elaboração diversa do texto jornalístico tradicional: embora seu foco ainda fosse noticiar, informar, ele não

precisava mais se ater à função meramente informativa, podendo e devendo explorar novos vieses da notícia, ampliando as implicações passadas, presentes e futuras do fato que abordava, criando uma linha temporal que permite à sua obra uma sobrevivência que o texto jornalístico tradicional não possuía. A esse respeito, Edvaldo Lima aponta os seguintes ingredientes como formativos do novo jornalismo: contexto; antecedentes; suporte especializado; projeção e perfil.

[...] e tudo isso voltado para uma abordagem multiangular, para uma compreensão da realidade que ultrapassa o enfoque linear, ganhando contornos sistêmicos no esforço de estabelecer relações entre as causas e as conseqüências de um problema contemporâneo⁷ (p.26).

Estamos já no terreno da reportagem, um gênero jornalístico que viria a transbordar das páginas do jornal e exigir seu espaço próprio em livros.

Como já mencionado, uma das principais representantes da técnica do novo jornalismo no Brasil foi a revista *Realidade*, a qual já mereceu vários estudos, ente os quais destacamos o de Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho. Embora o foco desse trabalho seja a produção do autor João Antônio dentro da revista *Realidade*, Azevedo Filho traça um interessante perfil do periódico.

A revista mensal Realidade, do grupo Abril, chegou às bancas [...] em abril de 1966 [...] com uma qualidade gráfica impecável e também com uma equipe experiente; a editora Abril investiu definitivamente num novo estilo de se construir a reportagem. Com base na reportagem e numa pesquisa apurada, os jornalistas da revista Realidade foram pioneiros na implantação no Brasil do New Journalism [...].⁸

Realidade contou em seu quadro de colaboradores com personalidades como Paulo Patarra, Sergio de Souza e Luiz Fernando Mercadante, entre outros. Embora tenha sobrevivido até março de 1976, *Realidade* e seu novo modelo de texto jornalístico teve de lidar com a censura implantada pela ditadura militar, que se instalou no Brasil no ano de 1964. Mais uma vez o jornal se veria às voltas com as necessidades do seu tempo.

A palavra e o poder.

Em 1964 o Brasil entrou num dos mais negros períodos de sua história: uma ditadura militar que duraria cerca de duas décadas e que mergulharia o país num estado de medo e

caos econômico cujas seqüelas estão presentes até hoje, com tendência a não sumirem tão cedo.

O início da década de 1960 mostrava um país confiante. Várias possibilidades de crescimento cultural estavam em plena efervescência; a educação despontava como uma das prioridades sociais, o teatro e a música viviam num clima de plena expressão.⁹

Politicamente o quadro era confuso, mas nada fazia pressentir o caos que se aproximava. Apesar da renúncia de Jânio Quadros, tínhamos Jango (João Goulart) no poder, um presidente que tinha a simpatia dos sindicatos e que, apesar das contradições políticas que o levaram ao cargo, mantinha o país num regime democrático.

Não é objetivo desse trabalho detalhar o *nonsense* da época da ditadura militar. Isso já foi feito por vários estudiosos que se debruçaram sobre aquela época numa tentativa de entender como o nosso país viveu e sobreviveu àquele período.

O presidente João Goulart estava na ante-sala de seus aposentos, no primeiro andar do Palácio das Laranjeiras [...] naquela noite de segunda-feira, 30 de março de 1964, [...] Jango foi ao encontro dos sargentos no meio da maior crise militar do seu governo [...]. Às quatro da tarde de 1º de abril de 1964, os cinco tanques M-14 do 1º Regimento de Reconhecimento Mecanizado, sob o comando do tenente Freddie Perdigão Pereira ...¹⁰

Entre os estudos sobre o tema, destacamos a obra de Elio Gaspari, nos seus (até o momento) quatro volumes: *A ditadura escancarada*; *A ditadura envergonhada*; *A ditadura derrotada* e *A ditadura encurralada*, (2002, 2002, 2003 e 2004, respectivamente).

Nesses livros Gaspari faz um levantamento exaustivo da implantação, desenvolvimento e manutenção da ditadura enquanto poder dominante no Brasil durante o período de 1960 a 1980. Impossível resumir essas obras, mas algumas citações podem fazer-nos ver o quão profundamente o autor mergulhou nesse período e a percepção que ele nos passa do que significou a ditadura.

Com o golpe militar em 1964, a principal preocupação do poder centralizou-se em manter, a qualquer preço, a “ordem” no país. Entretanto, como todos os estudiosos desse período são unânimes em apontar, tratava-se de uma ordem obtida por coerção, em que cada cidadão era passível de, a qualquer momento, ter seus direitos constitucionais abolidos.

Entrando no cenário político, ao lado da supressão das liberdades públicas, a tortura embaralha-se com a ditadura e torna-se o elo final de uma corrente repressiva radicalizada em todos os níveis, violentando a própria base da sociedade [...] quando tortura e ditadura se juntam, todos os seus cidadãos perdem uma parte de suas prerrogativas, e, no porão, uma parte dos cidadãos perde todas as garantias [...] mascarada pelo horror, a tortura esconde-se

atrás de seus afeitos e tende a girar em torno do sofrimento das vítimas¹¹

Nesse clima de insegurança, a sociedade via-se amordaçada, principalmente no que diz respeito à veiculação de notícias. Como já dito, o Brasil sempre teve uma imprensa comprometida com o poder oficial e, em 1964, essa mesma imprensa tinha apoiado, direta ou indiretamente, a ascensão dos militares ao poder. Entretanto, o regime queria mais do que o apoio da imprensa, queria o controle, pois era vital que a sociedade em geral tivesse uma visão positiva daquele momento político, sem acesso às informações sobre torturas ou outros desmandos que o poder praticava naquele momento.

As mortes por “atropelamento”, por “tiroteio” em perseguição com a polícia, os “suicídios” forjados – versões oficiais das mortes cometidas pela repressão política – não podiam ser noticiados. De acordo com o momento e com os interesses em questão, assuntos anteriormente permitidos poderiam passar a se proibido.¹²

[...] De ordem superior, fica terminantemente proibida a divulgação, através de meio de comunicação social, escrito, falado e televisado, notícia, comentário, transcrição, entrevista, comparações e outras matérias relativas à recessão econômica. Fica igualmente proibida a divulgação e análises, resultados, ainda que hipotéticos, sobre recessão econômica¹³

Para obter controle dos meios de informação os ditadores valeram-se da edição de atos institucionais. O mais tragicamente famoso desses atos é o AI-5. Publicado em dezembro de 1968, esse Ato Institucional mergulhou o país num profundo clima de silêncio. As liberdades civis, já tão cerceadas, entraram num processo de censura que quase ocasionaram o colapso dos meios de comunicação no país, tantos foram os jornais que tiveram suas portas fechadas. Vivíamos um clima de ‘Brasil, ame-o ou deixe-o’, sem espaços para vozes dissonantes das do regime militar.

Porém, se a grande imprensa estava silenciada, fosse por apoiar o regime, fosse por não ter forças para discordar abertamente, a sociedade sentia e necessidade de expressar-se de alguma forma. Assim, alguns jornais de grande porte, antes parceiros dos militares na execução do golpe, agora tentavam construir estratégias que dessem conta da transmissão de fatos que realmente estavam ocorrendo. Uma das mais famosas estratégias foi a do jornal *O Estado de São Paulo*, conforme nos conta a professora Maria Aparecida Aquino em *Censura, Imprensa, Estado Autoritário, (1968-1978): O exercício cotidiano da dominação e da resistência. O Estado de S. Paulo e Movimento*.

Nesse livro, a professora Aquino realiza um interessante levantamento de dois importantes jornais que circularam durante o regime militar, dos quais *O Estado de S. Paulo* permanece em circulação até os dias atuais. A obra aborda as construções de resistência de dois periódicos ideologicamente opostos, mas que, cada um à sua maneira, disseram não aos abusos de poder que então ocorriam no Brasil.

O Estado de São Paulo e Movimento [...] viveram a censura em momentos distintos (respectivamente 1972-1975 e 1975-1978) [...] representam tipos específicos de caracterização da imprensa escrita: OESP, típico produto da imprensa nacional de grande porte (grande imprensa) e M, representando a imprensa alternativa em fase áurea de desenvolvimento no país (final dos anos 1960 e começo de 1980) .¹⁴

Assim como o trabalho da professora Aquino, vários outros tratam do tema imprensa vs ditadura militar brasileira, como *Cães de Guarda – jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*, escrito por Beatriz Kushnir. Nesse livro a autora faz um levantamento bastante completo da estrutura repressora implantada pelo regime militar e aponta como uma teia de colaboração foi construída entre o regime e alguns elementos atuantes na imprensa da época. No dizer da autora, um dos nortes do livro é

[...] iluminar um território sombrio e desconfortável, a existência de jornalistas que foram censores federais e que também foram policiais enquanto exerciam a função de jornalistas nas redações. Escrevendo nos jornais ou então riscando o que não poderia ser dito ou impresso, colaboraram com o sistema autoritário implantado naquele período. Assim como nem todas as redações eram de esquerda, nem todos os jornalistas fizeram do ofício um ato de resistência ao arbítrio.¹⁵

Como é possível constatar, nem só de resistência direta, ou indireta se compôs a oposição ao regime militar. Inúmeros foram os fatores que contribuíram para com sua permanência no poder por quase duas décadas, fatores esses que podem ser abordados pelas mais diferentes óticas. É impossível, porém, negar que esses foram verdadeiros *anos de chumbo*, como já se tornou comum denominar aquela época.

É em meio a esse cenário de incomunicabilidade que surge um jornal que viria a se tornar um dos mais expressivos veículos de oposição à violência que então se praticava: o *Pasquim*.

O *Pasquim* foi fundado em junho de 1969, em pleno período de 'endurecimento' do regime. Inicialmente sem grandes pretensões, tornou-se um ícone da resistência, veiculando as idéias de intelectuais que ousaram contestar a ideologia então vigente.

Esse periódico teve uma existência conturbada, sendo alvo de inúmeros atos censórios, por parte dos militares. O volume de estudos que já inspirou, atesta sua importância para nossa história. Entre esses estudos destacamos o de José Luiz Braga, que faz um apanhado geral da existência do *Pasquim*, apontando algumas das suas particularidades.

Conduzido por personagens já então relevantes no cenário cultural brasileiro, como Jaguar, Millôr Fernandes, Ivan Lessa, entre outros, o *Pasquim* caracterizou-se por sua linguagem irreverente, irrequieta, que redundava em reportagens e textos que serviam para denunciar a estrutura de poder da época. O *Pasquim* nasceu nos bares do Rio [...] fazer um semanário de humor [...] traduzir um pouco da *non chalance* artística do bairro, e também da fossa conseqüente aos últimos acontecimentos políticos[...] em suma [...] um jornal de crítica de costumes.¹⁶

O *Pasquim* contou com a presença de vários colaboradores, intelectuais brasileiros que ousavam posicionar-se contra a ditadura, entre os quais Paulo Francis, Chico Buarque de Hollanda, Ivan Lessa, Millôr Fernandes, entre outros, sendo estes dois últimos além de colaboradores, considerados responsáveis pela circulação do jornal em vários momentos críticos de sua história. Entretanto, esse jornal nunca perdeu o fio condutor de seus textos: o tom irreverente e questionador com que tratava os temas polêmicos e proibidos, como sexo, política, liberdade de expressão etc.

Entre crises internas e enfrentamentos com o regime, o *Pasquim* fez história com suas reportagens polêmicas, sempre tentando fazer chegar ao leitor o plano real da situação em que o país estava mergulhado. Porém, para veicular essa notícia, o *Pasquim* precisou investir numa linguagem que lhe permitisse atingir o leitor por via indireta, usando a ironia para criar uma espécie de código entre leitor e escritor. Essa linguagem atendia a dois propósitos; realizar a crítica de um regime opressor e ao mesmo tempo despertar o leitor para a necessidade de criar estratégias de resistências que pudessem desmascarar o regime que então se vivia. É nesse jornal inovador e crítico panorama que um dos mais importantes escritores brasileiros publica cerca de cinquenta crônicas, acompanhando o *Pasquim* inclusive depois da abertura política, na década de oitenta.

Em agosto de 1974, João Antônio passa a integrar a equipe do *Pasquim*, conforme podemos comprovar pelo texto transcrito abaixo:

Fizera, ano passado, uns artigos, com raiva, apontando que a engrenagem do futebol não era mais aquela, a bem simples, que acontecia a dez anos. O país mudara, em dez anos mudara, havia sinais de máfia, a cartolagem mandando de modos encobertos (...) ninguém quis publicar. Procurei, então, os mineiros e Mário Garcia de Paiva resolveu fazer um suplemento literário do “Minas Gerais”

especial sobre futebol (...) o tal suplemento (...) caiu nas mãos de Millôr Fernandes, que decidiu encontrar o autor dos artigos (...) assim estou escrevendo sobre futebol e outras coisas em “O Pasquim”, a partir do número 267-01, que deverá aparecer nas bancas a 13/08/1974. A data não é ensolarada, nem bonita. Agosto é, em geral, um chove não chove do capeta e seus azares são consideráveis. Mas eu precisava contar aos amigos.¹⁷

João Antônio é considerado como autor de uma escrita na qual existe uma total imbricação entre os gêneros jornalístico e literário. Visto por muitos como um mestre do conto urbano, João Antônio traz para a literatura a face dos ‘merdunchos’, para usar um termo do próprio autor.

JOÃO ANTÔNIO – LEITOR DE MUNDOS.

O palco da literatura joaoantoniana é a rua das grandes cidades, seus personagens são os habitantes de um mundo que a classe média teima em ignorar. Malandros e otários, prostitutas que amam unicamente ao seu gigolô, espaços degradados e de certa forma degradantes constituem seres e cenários da literatura de João Antônio.

Essa forma de escrita, com a presença desses personagens, não é algo gratuito na obra do autor de *Malagueta Perus e Bacanaço*: vem de sua vivência direta com esse povo, vivência que não aconteceu apenas durante a infância sofrida num bairro de Osasco, mas que foi cultivada durante toda a vida do escritor.

É o contista do popular[...] em seus começos foi comparado a Antônio de Alcântara Machado, mas o escritor não olha as personagens de fora ou de cima; vem do seu meio, está junto delas, sentindo as suas angústias, solidário com as suas dores, emprestando-lhes a sua simpatia. Na prosa ao mesmo tempo forte e lírica ele constrói uma galeria de pequenos marginais, flagrando a periferia e o anti-herói. É a barra pesada urbana que se abre à comoção do leitor[...]¹⁸

Jornalista por profissão e/ou escritor por vocação? Responder essa questão pode ser tarefa impossível, quando falamos de João Antônio. Seus textos são verdadeiros diluidores de fronteiras, deixando aflitos todos os que enveredam por caminho tão inglório como o da classificação da obra desse autor. Chamado por alguns de neonaturalista¹⁹, visto por outros como escritor que possui uma “prosa aderente a todos os níveis de realidade”²⁰, a literatura de João Antônio continua desafiando categorizações, sejam periódicas, sejam de gênero.

Pois nem sei se são contos, apesar do autor batizá-los assim, já que esses escritos, refratários a qualquer classificação, não admitem rótulos. Tal como um novo “Boca do inferno”, o autor cataloga seus rancores, vomita sua indignação, resmungando pragas e palavrões. Trata suas criaturas como a si mesmo, com uma ironia feroz, mas que deixa entrever uma funda ternura.²¹

Essas palavras de Paulo Rónai se tornam ainda mais verdadeiras quando pensamos nas crônicas jornalísticas de João Antônio. Por ter vida profissional intrinsecamente relacionada com o jornalismo²², tendo inclusive feito o curso de jornalismo na Cásper Líbero²³. João Antônio possui uma vasta obra publicada não apenas no Pasquim, mas em periódicos diversos, como os jornais *Última Hora*, *Movimento*, *Brasil Agora* etc.

Essa prática de publicação em periódicos é considerada um procedimento comum entre literatos, não só da atualidade, mas de renomados escritores de todo os tempos, principalmente quando esses autores encontram-se em situação de censura, como nos atesta Montoro em *Periodismo e literatura v. I - II*.

Si algo se destaca especialmente en una mirada de conjunto sobre la historia del periodismo, sobre todo en su relación con la literatura, es la diferencia de conceptos e formas en que se manifiesta este medio de comunicación... el hombre-escritor-comunicante quiere dialogar siempre. Pero as veces tal diálogo va dirigido a un grupo de seres afines, de “almas añejamente unidas”, y si se convierte en periódicos es porque se publican periódicos. Hay que matizar: muchas veces a colaboración periodística solo tiene de tal el echo de publicar-se en periódicos. Pero en otras ocasiones el dialogo se universaliza aquí se trata de situar al escritor-periodista en los limites de su inquietud ... esta difícil e peligrosa misión periodística fue iniciada por “The Times” ... [em] la primera mitad del siglo XIX... cada tiempo ha tenido su expresión literaria y el periodismo no podía quedar de lado ... y llega un nuevo tipo de escritor-periodista ... Hemingway es un ejemplo... hacia la misma época comenzaba también Francis Scott Fitzgerald, así como John Dos passos y William Faulkner²⁴.

João Antônio “lia” o mundo através de suas vivências com os fatos que pretendia abordar. Vivenciou na pele muitas das reportagens que escreveu, sendo considerado um dos introdutores da técnica do *New Journalism* no Brasil.

Segundo Edvaldo Lima, em seu *Páginas ampliadas, o livro reportagem com extensão do jornalismo e da literatura, o new journalism* trouxe

[...] a chance que o jornalismo poderia ter, para se igualar, em qualidade narrativa, à literatura ... aperfeiçoando meios, sem porém jamais perder sua especificidade [...] sofisticar seu

instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação de expressão do real, de outro [...] por aí vão aos poucos penetrando os pioneiros do *novo jornalismo*, afinado suas armas, mergulhando cada vez mais fundo na realidade em rápida transformação.²⁵

Podemos dizer que João Antônio aprofunda em muito essa dimensão do *new journalism* e realiza verdadeiras inclusões de gêneros na tessitura de seus textos. Ele passa a construir textos em que realidade e ficção se interpenetram, num movimento de fusão que torna difícil ao leitor distinguir quais são os momentos do texto em que predomina a realidade ou a ficção.

Como já mencionado, João Antônio teve uma intensa produção junto ao jornal *Pasquim*, estando a maior parte desses textos inserida no período em que a ditadura passava por uma “lenta e gradual distensão” de acordo com as palavras do então presidente Ernesto Geisel.²⁶

É nesse clima de insegurança e tensão que João Antônio realiza um verdadeiro jogo de palavras em seus textos. Jogo que lhe permite ser publicado quase sem cortes por parte da censura.

Nessas crônicas, João Antônio vale-se de um dos recursos intrínsecos à reportagem propriamente dita: referências factuais, ou seja, a veiculação de notícias, de fatos ocorridos e passíveis de circunstanciação e localização extratexto. Entretanto, é através dessa referencialidade que o escritor elabora denúncias das condições sociais da época, trabalhando sempre com uma linguagem transversal, numa tentativa de fazer chegar até o leitor as informações que a censura jamais permitiria, caso a linguagem fosse usada de forma mais direta. Esse modo de ação corresponde à linha adotada pelo *Pasquim*, o qual procurava chegar até seu público através da veiculação de textos irônicos, que expunham a realidade por meio de desvios lingüísticos, numa linguagem metonímica, carregada de ambigüidades.

Os trabalhos que João Antônio publicou então, podem ser agrupadas sob diversos temas, que vão desde a referência a personalidades da cultura nacional até a descrição da decadência de bairros cariocas, sem perder, contudo, o seu *leit motiv*: expor para a sociedade o quadro de miséria que atingia principalmente as classes mais baixas e o Brasil como um todo.

Os textos de João Antônio são resultado de um trabalho artesanal. Artesanal no sentido de que passavam por um processo de elaboração em que o principal recurso era a personalização do tecido desse trabalho. Personalização essa que passava pela escolha das palavras, dos personagens, da ambientação desses personagens, do enfoque dado a todos esses detalhes.

Ele ia lá [...] fotografava ou ia acompanhado de um fotógrafo que fazia isso por ele [...] depois, para escrever, ele punha aquelas fotos todas à sua frente, em volta da máquina. Aí ele criava o

ambiente onde os personagens iam andando. Isso é uma coisa muito difícil para o escritor [...] colocar os personagens dentro das ruas, do ambiente dele, uma esquina daqui, outra de lá.²⁷

É no deslindamento desse aspecto estético que se concentra o presente trabalho, pois temos certeza de que os textos jornalísticos de João Antônio, não só aqueles publicados no *Pasquim*, mas todos os outros, possuem essa característica intrínseca ao texto literário: a capacidade de revestir de novas significações a linguagem desgastada do cotidiano.

Notas

-
- ¹ O projeto de pesquisa *João Antônio no Pasquim: Levantamento e Estudo* teve início em março de 2003 e foi concluído em dezembro de 2004, apresentando contudo desdobramentos posteriores no trabalho de mestrado da autora do presente artigo.
- ² GALENO, Alex. A palavra compartilhada. in: CASTRO, Gustavo de (org.) *Jornalismo e Literatura – A Sedução da Palavra*. São Paulo: Escritura, 2002.
- ³ ECO, Humberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- ⁴ GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- ⁵ SODRÊ, Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 1999.
- ⁶ idem, ibidem.
- ⁷ LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas. O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- ⁸ AZEVÊDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio: repórter de Realidade*. João Pessoa: Idéia, 2002.
- ⁹ Cf BUARQUE, Heloísa, GONÇALVES, Marcos A. *Cultura e participação nos anos sessenta*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ¹⁰ GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ¹¹ Idem. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ¹² AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário, (1968-1978) O exercício cotidiano da dominação e da resistência. O Estado de S. Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.
- ¹³ MARCONI apud GASPARI, idem, ibidem, 2003.
- ¹⁴ AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário, (1968-1978) O exercício cotidiano da dominação e da resistência. O Estado de S. Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 999.
- ¹⁵ KUSNHNIR, Beatriz. *Cães de guarda – jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ¹⁶ BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba*. Brasília, D. F: Editora UNB, 1991.
- ¹⁷ Carta de João Antônio, sem destinatário definido, encontrada em seu acervo pessoal, datada de agosto de 1974.
- ¹⁸ Trecho de um texto avulso, sem referências bibliográficas, encontrado no Acervo João Antônio.
- ¹⁹ SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 2ª edição revista.
- ²⁰ CANDIDO, Antonio in ANTÔNIO, João. *Dedo duro* 3. ed. São Paulo: Círculo do livro, 1987.

-
- ²¹RONAI, Paulo, “Duas palavras” in ANTÔNIO, João. *Dedo-duro*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- ²² AZEVÊDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio: repórter de Realidade*. João Pessoa: Idéia, 2002.
- ²³RIBEIRO NETO, João da Silva (org.). *Literatura comentada*. São Paulo: Nova Cultural, 1988, 2ª ed.
- ²⁴ACOSTA, Montoro. *Periodismo e literatura* –v. I – II. Madrid: Guadarrama, 1973, p. 13-85.
- ²⁵ LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas. O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- ²⁶ GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ²⁷ PROLEITURA, ano 4, nº 17, Dezembro de 1997.